N.º 10 (132) — 3.º ANNO **Terça-feira, 3 de Janeiro de 1911** **PREÇO 20 RS.**

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA
Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Anno morto... anno posto

1910 ao 1911. — Cá vou puxando o carro do *lixo*, que foi um verdadeiro *carro de luxo.* Tu que nasces, cresce e... multiplica-te!...

É costume dos velhos tempos, ou talvez do tempo dos velhos, mal que um anno acaba e outro começa, dar as bôas entradas aos amigos, aos conhecidos e ás pessoas que comnosco privam, por isso, antes de mais nada, começaremos por cumprir esta usança, dando as bôas entradas aos nossos estimaveis leitores, aos nossos assignantes, e a todos os collaboradores, nossos Cirinéos, que nos teem ajudado a levar esta cruz ao calvario, e que embora não seja uma *cruz da pedra*, pois já passamos o tempo de garotos, e ha muito que a não jogamos, nem por isso deixa de ser uma *cruz quebrada*, por mil embaraços, tornando-a por fim em *cruz de malta*... caterva toda esta pagodeira do *Zé*.

E' pois fiados que continuem a ajudar-nos na santa cruzada da imprensa, que nós, tanto aos cruzados velhos como aos cruzados novos, d'aqui endereçamos e desejamos *felizes entradas*.

* *

E a proposito de entradas:

As *entradas* tambem são *sahidas*, sahidas das entradas, e tanto assim é, que os *ratones* do Credito Predial, depois de sahirem quasi *airosamente* d'aquella trapalhada, tiveram de *entrar* no tribunal da Boa Hora e se não sahiram d'alí para a Cadeia, foi porque a cadeia que se encadeia com a Cadeia, lhe arbitrou fiança que gente de confiança teve de abonar.

Mas façamos ponto neste ponto, e tratemos do resto.

1910 foi um anno mau, como são sempre os annos que acabam e *bons* quando começam.

Mas se foi mau para uns, não foi mau para outros, como por exemplo para aquelles a quem a loteria do Natal distribuiu parte do seu bolo que foi bello.

Para nós (permitta-se-nos *este amor da patria não movido)* foi bom, porque vimos realisado o nosso ideal, embora outros o não possam levar á paciencia.

1910 assim como nos trouxe inundações de agua, trouxe-nos inundações de vinho do José Maria dos Santos; descobriu-nos *manchas* do sol astral e *manchas* do *sol dos Navegantes*, que mancharam muita gente bôa, e para taes *manchas*, não ha grêda nem benzina capaz de as des...manchar.

Com o expirar do anno, expirou tambem a monarchia, essa velha corrupta que tanto nos expuliou, mas em compensação nasceu a Republica, menina e moça com quem vamos á missa e que nos promette *massa*, em vista da maneira acertada como o seu governo, de uma vontade de ferro, tem a dita...dura em dirigir os interesses do povo.

Com a implantação da Republica acabaram-se os receios, acabaram-se os medos, acabou-se o *papão* de todos os dias.

E' verdade que ao principio os *amigos* jesuitas nos deram agua pela barba, mas Affonso Costa que é o homem de ferro da situação (sem reclame a S. Jorge) tem artes de os pôr a bom caminho, e actualmente tudo caminha ás mil maravilhas.

Depois, os decretos e leis chovem por uma pá velha.

Elle é a lei do divorcio;
Elle é o direito á greve;
Elle é a lei da imprensa;
Elle é a lei da familia

Emfim!... vae-se tornando isto a pouco e pouco o melhor possivel, embora haja descontentes que não vêem as coisas senão pelo lado que lhes convém, e achem que o velho regimen era melhor que o novo.

Mas... vá lá um *mas* para fechar a *chronica*, o caso é, que embora haja descontentes, embora isto não côrra á vontade d'elles, é certo que teem de engulir a pilula ou então metterem-se na *pilula* que é parte quente, e onde o frio não chega, e esperarem pelo seu D. Sebastião, n'alguma destas manhãs nevoentas, que então venha endireitar isto.

*

NOTA DA CHRONICA:

Um medico dizia a Bébé:

— A tua mamã vae dar-te uma coisa. Qual queres tu, um mano ou uma mana?

— Eu antes queria um burro, diz Bébé, chorando.

E' verdade!...

O *Correio da Manhã*, disse um destes dias, que a Republica foi proclamada «pela audacia de meia duzia e pela inercia de muitos»

Pois foi assim, foi.

A monarchia estava tão pôdre, que bastou *meia duzia* para a deitar abaixo.

Quanto á inercia dos outros...

Apostamos em como o articulista tambem ficou em casa nesse dia!...

Era logo...

As manas, e os manos de Loanda, andam por lá a fazer das suas. Mandem-lhe um policia de cace-tête, se querem ver tudo aquillo na ordem.

— Que andam ferrenhos thalassas,
Espalhando varias graças.
— Que propalam mil boatos,
Infames como insensatos.
— Que falam na Pavorosa
E noutras *coisas ó roza.*
— Que querem taes salafrarios
Armar em rev'lucionarios!
—Que a marotos que assim falam
Se não lhes chegam, não calam.
— Que cahida a monarchia
Ficou a *malga* vasia.
— Que é pois por esta rasão,
Que sonham co'a rev'lução!
— Que elles fazem reuniões
Em escadas e em saguões.
— Que lhes chamará a fama:
Rev'lucionarios da *trama!*
— Que essas beatas alminhas
Estão a pedir sopinhas...
— Que se o Zé pega n'um pau,
Nem lhes fica o balandrau!

Casos bicudos

II

Bravo, *bravissimo!*

Não esperavamos que a caçada désse tão bons resultados. A ratoeira está á cunha.

Ha quanto tempo isto devia ter sido feito, se não tivessemos a tyranisar-nos e a protege-los a monarchia de tão dôce memoria e tão *santos* varões.

Ha quanto tempo!

Mas a justiça que a monarchia mandava fazer á olaria, e que tão tristes provas deu ainda agora no caso João Franco, era justiça só para pesar sobre os pequenos, era um arrocho para o João Ninguem, uma vara inexoravel para o que roubava um pão, e uma capa azul e branca, para os honrados conselheiros e nobres titulares que se adeantavam com contos de réis.

Que mentirosa e desvergonhada justiça aquella!

Então, prenderam-se apenas os srs. Bello, Talone e Quintella, deixando á solta os mais graúdos ratoneiros.

Hoje, foram lá parar todos, brinca tudo minha gente!

O que é necessario saber-se, e quanto antes, é se os juizes que os hão de julgar, tambem lêem pela carta constitucional...

Saibam isso pelos miudinhos e venham depois contal-o á gente, que nós não queremos que elles nos fujam.

Se ha policias que falam bem, ha juízes que falam ainda melhor! Palavra, que não mangâmos...

Vimos n'esta passada semana, um juiz que falou que nem um valente, e com carroçadas de razão.

Estava-se n'uma audiencia. As testemunhas tinham sido intimadas e não punham o pé no tribunal, seguindo o exemplo do escrivão que ainda não tinha apparecido.

S. Ex.ª (não, S. Ex.ª não, o cidadão juiz) insurgiu-se alli, alto e bom som, contra o Zé-Povinho, que apenas quer ter direitos e não deveres, e que mente aos guardas da civica, quando é inquirido para testemunha dando o nome e a morada errada.

O' cidadão e meritissimo juiz, talvez o pobre Zé Povinho tenha rasão...

Elle, na sua maioria não tem casa, para não pagar a maldita contribuição que paga em Portugal quem a tem, e depois para não ser preso como vadio, dá uma morada qualquer...

Mas voltando á vacca fria, disse mais o ustre cidadão que quem tem algum conhecimento de leis, procura logo nellas, o artigo, o paragrapho, *o pésinho* por onde as possa illudir.

Tal qual como fizeram os juizes que julgaram o Farinheira!

Não tendo outra coisa á mão
Em que podessem pegar,
A' velha constituição
Foram-se logo agarrar!

*

A cidadã A B C M (parece mesmo um abcedario!...) pergunta-nos a nossa opinião *prelara* (!) sobre a bandeira nacional.

Mas, gentil madama, a nossa opinião já ficou exteriorisada no nosso numero 7. Diz *vocelencia* que *Os Ridiculos* quer a bandeira azul e branca.

Então, minha senhora, são gostos!

E não foi só n'esse jornal que deu a mania; tambem o mestre Junqueiro, que tem muito mais barbas, anda agora a prégar aos herejes por causa do azul e branco, da côr do ceu, da nossa alma, das coisas celicas, e mais bugigangas poeticas.

E' que elles julgam talvez que o presidente da republica é o D. Pedro IV (assim como os taes juizes julgavam que a lei fundamental da Republica era a carta constitucional!) e por isso opinam pelas côres partidarias d'esse cavalheiro...

Ora partidarismo por partidarismo, então vá verde e encarnado com seiscentos diabos!

E deixal'os falal'os...

Sejam azues e branquinhos
Esses sujeitos «zarés»,
Que nós somos vermelhinhos
da cabeça até ao[illegible]s!

VIU-SE GREGO.

O Poema da Rua

IV

Em que o auctor descreve a agonia d'um gato que viu morrer.

Ei-lo a morrer... Lugubremente mia,
Abrindo os olhos vitreos, a chorar.
Nitidamente o peito vê-se arfar...
Meu Deus! quanto é cruel uma agonia!

A Morte, a hórrida Morte tão sombria,
Lançou-lhe a garra adunca: ha-de o levar.
O gato quer viver; põe-se a luctar
Com ella, n'um tormento que arripia!

Num repellão seu corpo estremeceu...
Oh flagéllo terrivel! — no estertor
Lucta, lucta sem força!... Emfim, morreu!...

Não sei se a descripção está primor?
Se não estiver, abób'ra!... Quem me leu
Que faça, se é *capaz*, outra melhor.

Manuel Chagas.

Do collega *O Tio Antonio*, curioso bicho, que teve a amabilidade de nos surripiar a nossa secção *Impossiveis*, transcrevemos a seguinte local, que é o *mais* delicado que temos visto no genero:

Cartas abertas

Poetas e prosadores

Participamos aos illustres humoristas que as columnas do nosso jornal se encontram á disposição de todos. Participamos tambem aos *humoristas... da trama*, que temos cá na redacção um sujeito disposto a dar-lhes para baixo, e como não arranjámos ainda dinheiro para comprar um cêsto de papeis, o dito sujeito trouxe para cá um enorme *caixote do lixo* á espera das *producções* que não estejam nos devidos termos e por isso...

Mas a que *humoristas da trama* se referem, illustres collegas? Olhem que nós julgámos que eram *excelencias!*

E quem é esse valente, esse *têso*, que está lá na redacção prompto a dar para baixo?

As crianças a lidarem
Em jornaes, que trabalhão!
Não era melhor brincarem
Com soldados de cartão?

Os boateiros

Já sabem que vão parar ao tribunal, os que metterem a *escova* da Revolução.

Façam boatos agora, queridos filhos.

Os magistrados «thalassas»
Vão marchar p'ra Nova Gôa.

GLOSA

Fizeram das suas *graças*
Dando beijos ao Xuão,
Mas levaram safanão
Os magistrados «thalassas».
Já não fazem mais *negaças*
Cá pela linda Lisbôa
E segundo se apregôa
Desde a Moita ao Lavradio,
Vão p'rá... Torre do Bugio
Vão marchar p'ra Nova Gôa.

Iris.

Aguas passadas

Que bellas brôas apanham d'esta vez a *quadrilha do Descredito Predial*, capitaneada pelo *Bacôco!*

A sr.ª *ministra* andou todo o santo dia ao telephone, choramingando por vezes, e rogando prágas n'uma furia vingadora e cruel. O *Sénhor dos Navegantes*, esse assistia impassivel áquillo, na sua apathia de *gimbreta* paralytico... da cintura para baixo, do alto da symbolica cadeira: apenas os olhos conservavam um fulgor estranho nas orbitas profundas, fictas no tecto como quem matuta em grandes planos, emquanto escrevia com a mão direita circulos funambulescos e elequoentes...

— Raios te partam, grande *sanôna*, vaciferou a sr.ª *ministra*, calerica, mordida de desespero. Que raio estás sempre a pensar com esses olhos de carneiro mal morto? E para que são esses gestos... da Mouraria? Era bem melhor que não fosses palerma... Vê para que serviu a tua grande *lábia*, toda a tua decantada manha de ratazana... deixares descobrir aquelle rico *trabalhinho!...*

— Aquelle Talóne, aquelle Talóne, foi a nossa desgraça! Mas tenho cá uns projectos...

— Dlin... dlin...
— Está lá?
— Quem fa...la?
— Conselheiro *Perninhas.*
— Sua Ex.ª está melhor.
— Assim...assim...
— Hoje, ordem de captura.
— Ih!...

— *Invoque* a qualidade de par do reino... se não *pegar*, diga que perdeu as pernas na Rotunda a combater pela Republica... Se o quizerem levar de cadeirinha para o *Xelindró*, diga-lhe que ficou sem cabeça... porque assim não pága nada... talvez *vão n'isso*... percebe?

— Dlin... dlin...
— Outro...
— Quem fa...la?

— Foi preso agora o meu *Lulú*... Portou-se como um heroe... Nenhum dos *patifes* dos *jacobinas* se atreveu a pôr um dêdo na sua farda reluzente de conde... E o conselheiro!

— Ninguem se atrevêra!...
— Nós rezámos esta manhã por elle... Rése V. Ex.ª tambem.

— A proposito: A fiança do *Lulú* são 20 contos... Aqui para nós... foi já ao *Brites* com as suas commendas e crachás e elle afinal nem uma de X. Não poderá V. Ex.ª emprestar-nos essa *massa* para as despezas? Trinta contos, bastam.

— Desculpe, condessa, não temos em casa mais de oito *camôchos*... e foi preciso mandar-mos pára o *pinho* o *robe de chambre* que lhe offereceu a Magestade... Elle ficou tão pobresinho...

— Que dizes tu? rosnou da cadeira o *Zé Bacôco...*

— A delambida da condessa dos *palitos*... não queria *escamotear-nos* trinta contos!

— Trinta contos?... Ora a *caloteira!...* Nem um real, ouviste? Que se *aguente*... Olha o telephone...

— Quem fá...la?

— Então o gatuno-mór ainda não foi na *montra?*

— Hein? — E a sr.ª *ministra*, sentiu vergarem-se-lhes as pernas.

— Quem fála?...
— Alguem que elle reduziu á mizeria!
— Sua ex.ª está puro... immaculado!...

— *Culádo*... será a uma céla da Penitenciária, sua grande *canastra*...

— Malcreado!... Estão a insultar-te meu querido Zé...

E ia para procurar o cabo da vassoura para lhe *aquecer* as costas quando chegam aos Paços dos Navegantes os officiaes da justiça:

— *Em nome da Republica, — accusado pelo crime de... o cidadão Zé Luciano...*

— Faz favor de dobrar a lingua!... Conselheiro! conselheiro, atreveu-se a dizer a sr.ª *ministra* apezar do seu terror.

— Isso era no tempo das *vaccas gordas*... esboçou rindo um official.

E' pronunciado e contra elle passada ordem de captura...

— Sou par do reino...
— Que se *abotuou* com as *massas* do Predial!...
— Perdi as pernas na Rotunda...
— Terá duas muletas no Limoeiro...
— Não sinto a cabeça... parece que tambem a perdi.

— A Republica não precisa da sua cabeça... a justiça quer apenas que pague com o corpo!

— Mas 2:000 contos é muito forte!!

— Não te afflijas, menino: o nosso *Manuelsinho* não tarda por ahi, com muitas prendas de Oxoford... camisas, ceroulas... para os que sujaram as suas... e um *novo Predial* onde os *santos martyres dos Jacobinos* se desforrem nadando em oiro...

— Sim: entrego-me á justiça... E tu, minha santa Inspiradora — vae para um convento!...

Henrique de Carvalho.

Tem graça!

O sr. José Luciano, na sua entrevista com o reporter do *Correio da Manhã*, disse para este:

«Mesmo com pernas, ninguem vae fugir, deixando compromettido um amigo que ficou por seu fiador.

«É para garantir esse escrupulo basta 50 contos, 10 contos e quinhentos mil réis por cada perna!»

Levámos duas horas a fazer contas, para vêr se duas pernas a 10 contos e quinhentos mil réis, davam 50 contos, mas... nada.

Quatro pernas dão 42 contos, para 50, faltam 8.

Portanto calculamos que o sr. José Luciano tem 4 pernas e os 8 contos que faltam para a conta, deve ser alguma *perna* já em *disponibilidade* que não tem tanto valor.

Está certo?

— Saber-se onde se metteu agora a ronha do José Luciano.

— Saber-se a conta dos carapetões que impingem os jornaes estrangeiros.

— Os caciques monarchicos da provincia serem demittidos dos seus cargos.

— Saber-se quando é que os desfalcadores do Predial vão parar com os ossos ao Limoeiro.

— Os *thalassas* deixarem de espalhar *boatos alarmantes.*

— O Dr. Brito Camacho deixar de *afinar* com a historia dos feriados, depois dos dias santos aos domingos.

— Saber-se quando é que o *reisinho* vem com o *Arreda que te espeto* dar cabo d'esta *futrica.*

— Ser nomeada uma pessôa idonea para exercer a censura theatral.

— Os nabos deixarem de ficar *viçosos* com as chuvadas, que ultimamente teem cahido.

— Os *adhesivos* serem demittidos dos logares de confiança.

— O *Zé* deixar de estar sempre *preparado* para as zaragatas que possam surgir.

Uma casa de doidos [1]

Diz muito bem, amigo e Shôr Carvalho,
Ninguem 'stá mais ao facto d'isto cá
Do que eu, que treze vezes conto já
E que conheço bem o quanto valho!

Portanto a sua idéa não é má,
Apezar de me ir dar algum trabalho,
Mas se hei de estar p'ra aqui feito um paspalho,
Vou vêr quem o seu voto aqui me dá!

O caso com o cão foi verdadeiro,
Pois a elle inf'lizmente eu assisti,
Conhecendo o avaro cavalheiro,

De quem palavra d'honra muito ri,
Porque a nenhum de nós deu um bregeiro
E assim com a sorte lhe corri!!

Maluco Mór.

(1) Vidè *O Zé*, n.º 8-130. Rilhafolles.

Ratos, ratinhos e ratões . . .

Zé:—Vocês comeram a *isca*, mas teem de deitar cá para fóra o anzol!

— Muito bôas entradas, tia Rita, muito bôas entradas!

— Igualmente, sr.ª Leonor, igualmente.

— Vocemecê hoje veio tarde!

— Ora, podéra!... tive visitas...

— Sim?

— E' verdade. Uns maçadores que não deram nem para o petroleo.

— E então diga-me, que tal lhe entrou o anno lá por casa?

— Menos mal, menos mal, podia ser peor.

— E... teve muitas prendas?

— Meu primo deu-me uma, hontem á noite...

— Bravo!... Não tenho dó de si!...

— Foram uns brincos. Já m'os tinha promettido ha que tempos...

— E' que estava á espera do dia proprio.

— Coitado!... E' um bello rapaz...

— Diga-me, já foi vêr o museu da revolução?

— Eu?!... D'essa me livrarei!...

— Porquê?

— Que tem aquillo que vêr? Espingardas? Tambores? Bonnets da municipal? Pennachos?

— E então?

— Para vêr pennachos, vejo o de meu primo cadete, e por o d'elle já calculo os outros.

— Mas não é só isso que se vê!

— Pouco mais ha, segundo o que tenho lido.

— Olhe, aquelle candieiro da Avenida só por si, vale um muzeu.

— Sim, lá isso é verdade.

— Outra coisa. Não tem ouvido falar de conspirações?

— Ouvi, ouvi, mas tambem já prenderam um individuo que andava por ahi a largar essas *galgas*.

— E foi bem feito. Agora andar a metter sustos á gente.

— A mim me metteram um, aqui ha dois dias...

— O que foi?

— Mas não foi a respeito de conspirações.

— Ah!... foi outra coisa?

— Foi.

— Então não se pode saber?

— Pode, não é segredo. Foi a respeito do meu homem.

— Desordem?

— Não foi bem isso, mas quasi. Elle costuma ir jogar o pau para uma quinta lá ao pé de mim, e ha dois dias, uma visinha veiu-me dizer que na dita quinta se tinha armado disputa sobre quem aguentava mais o pau, isto é, quem podia jogar mais tempo sem descançar. O meu, que tem farronca de jogador, dizia que elle estava por ali com alguma coragem. Palavra puxa palavra, e, para esperimentar, foram começar um jogo.

— Seu marido ganhou?

— Quasi, mas por traição é que acabou o jogo.

— Traição?

— Eu é o que calculo, pois como viam que elle já estava de pau na mão havia perto de duas horas, apanharam-no descuidado, e, zás...

— Alguma cacetada?

— Não senhora... metteram-lhe um pau pelo olho!...

— Credo!

— Veio para casa em braços, quasi sem poder andar...

— Se lhe parece!... Em qualquer parte, uma cacetada é mau, quanto mais se se leva no olho!...

— E' verdade!...

— Eu tambem já uma vez levei uma no olho, que m'o poz assim...

E fez menção de que o volume era do tamanho de uma melancia.

ARIEL.

Correspondencia Quelhacea

6.ª Carta

Outubro de 1910.

Minha querida:

Rebentou a Revolução e a estas horas muitas desgraças já devemos ter a lamentar. Presinto o fim das nossas devotas missões, no entanto estamos todas em socego, porque promptos a defender-nos, estão os nossos reverendos irmãos e alguns titulares a quem elles deram armas por intermedio das mulheres.

A mim um caso grave me aflige: Estou gravida. Não sei como isto foi, nem comprehendo como tal se possa arranjar, demais a mais tendo sido tão casta até hoje. O Rv. Gregorio disse-me antes de partir, que talvez fosse a pomba do Espirito Santo que tivesse entrado. Eu, cá não sei se o passaro entrou ou não, o que sei é que foi sem eu dar por isso.

A'cêrca d'elle tambem te tenho que falar. Como sabes aquelle seu genio excitado era um perigo ante os ultimos acontecimentos para os republicanos, e elle como bom amante da humanidade, teve de partir para Hespanha, para se acalmar. Tivemos immensa pena. Foi á pressa que saíu do Paiz, levando o que era preciso, a guitarra e alguns livros da bibliotheca galante que elle nos lia para nos atanazar a alma contra os pecados... domesticos. Era um bom rapaz; tem uma voz melodiosa e tocava-nos muito bem. Boa viagem lhe desejâmos.

Agora não sei ainda a volta que levarei, e só depois de parar o sangue que corre pela capital, é que com socego te escreverei a dizer onde estou.

Tua
Magdalena.

*

Está era a ultima carta da casta Magdalena e como nos interessassemos pelo seu interessante estado viemos a saber que está perto do Bom Successo em casa d'uma irmã. Damos pois os nossos parabens ao Orfão Albino em contar mais um irmão filho de pais incognitos!!

GAZETILHA

Policias

A nossa policia amada
Que nos deu tanto trabalho
Para *prantar* desarmada.
Volta a trazer o *chanfalho*
Segundo a ordem já dada.

E como é bom ter reserva
Nesta perigosa quadra
Em que se agita a caterva,
Fica o revolver na esquadra,
Pendurado, de conserva...

Que saudade me atrapalha
Do bom tempo em que a policia,
Por dá cá aquella palha,
Da espada á terna caricia
Dava cabo da canalha.

Voltará tudo isto ao mesmo,
Ou eu só digo toleimas!
Mas se elles derem a esmo
Empunhando o *tira-teimas*
Põem o Zé n'um torresmo!

Breve, senhores, vão vêr
Todo o Zé agradecido,
Que o povo é como a mulher
Quando apanha do marido:
Qanto mais leva, mais quer!

VIU-SE GREGO.

O que a monarchia faria, se visse alguma coisa

A Republica, dois mezes depois de casada — dois mezes! — deu á luz o decreto sôbre as gréves. E como não nos consta que em Portugal reine perfeita harmonia, porque já morreu o dr. Bombarda, e como até na questão da bandeira ha discordancia, querendo azul o mestre Junqueiro e encarnada o pae Teophilo, o Povo, fazendo tambem como os sabios, discordou.

Uns dizem que o decreto era preciso, e é muito bom; outros, que não devia ser publicado porque é mau; outros que é uma infamia; e o *Syndicalista* diz que estamos «peor que na monarchia»!

Ora nós, que tambem nos temos na conta de gente, estamos com os primeiros.

O decreto é muito bom, é mesmo uma belleza d'hortaliça!

Elle reconhece o direito á gréve, mas reconhece e protege o direito ao trabalho, isto é a fural-as. Apoiado!

E para quem quizer evitar que os traidores vão para o trabalho, tentando accordar-lhes a consciencia, lá tem o governo no seu decretosinho aquellas penalidadesinhas que são mesmo d'aqui... da ponta da orelha!

Bravo! Isto é que se chamam estadistas.

Assim é que os gostamos de ver. Liberdade, Fraternidade e Egualdade.

A classe operaria tem a liberdade de fazer uma gréve. Os traidores teem liberdade para fural-a, porque a liberdade é para todos.

Isto é o que ha de mais democratico!

Diz então o *Syndicalista*, que isto nos dá a illusão, de que estamos no tempo do João Franco.

O' collega, por amor do pae Teophilo... Veja lá o que diz! A Republica Portugueza é das mais democraticas.

Olhe, na Republica Mexicana, o governo considera os operarios grévistas como rebeldes e manda-os fusilar sem mais, nem *hontem*. Ora isto comparado com três e seis mezes de prisão, demais com a liberdade reconhecida de faze-las e desmancha-las, não é nada!

Não diga isso, collega.

Então um decreto onde se espelha todo o talento, toda a illustração dos nossos governantes; um decreto liberalissimo, que, inspirado simplesmente na pura liberdade, diz: O' *Zé* podes largar o trabalho; ó *Zé* podes trabalhar; O' *Zé* podes fazer gréve; O' *Zé* podes furá-la!» é mau?

Ha lá maior liberdade do que esta?!

Isto comparado com aquellas leis do tempo em que nem *andar parado*, se podia, isto é arroz dôce!

*
* *

Já aqui n'este jornal disse Eduardo de Carvalho, que a monarchia não tinha quem a servisse com amor ou unicamente com tactica. E assim era.

Os monarchicos, só a serviam com a barriga, mais nada.

Se a monarchia tivesse quem a servisse com talento, tinha-se salvado.

Admiram-se? Oram vejam.

O decreto sobre as gréves, prohibe que ellas se façam sem se avisar o patrão com 8 e 12 dias de antecedencia.

O ZÉ — Redacção e administração, Rua da Rosa, 162, 1.º

Agora, calculem que o Luciano, o João Franco, o Teixeira de Sousa, tinham o talento, a dedicação, a tactica, que teem os democraticos ministros da Republica: e que um d'elles pegava n'uma pena e redigia o seguinte decreto:

— O governo provisorio (provisorio porque elles andavam sempre a cahir...) da serenissima monarchia portugueza, faz saber que em nome da mesma thalassissima personagem se decretou o seguinte:

Artigo 1.º E' permitido ao sr. Machado dos Santos e demais revolucionarios coligarem-se para fazerem bernardas.

Art. 2.º Os que quizerem fazer bernardas, servindo-se de violencias ou ameaças, para levarem comsigo os galuchos, serão punidos com 28 annos de Timor, ou na alternativa de 9 annos de forca e 5 a pão e agua.

Art. 3.º e principal. Os dias 5 de outubro em que desejarem fazer bernardas terão que ser participadas ao governo com antecipação de 8 dias caso queiram adoptar a bandeira azul e branca, e 12 no caso que desejem a verde e encarnada.

Art. 4.º O desrespeito d'estas sagradas disposições será considerado como rebeldia, e nós cá temos a lei de 13 de fevereiro para dar cabo do canastro áquelle que o commetter.

Dado no Paço, aos tantos de tal, etc.

Ora isto é que era talento, isto é que era perspicacia, isto é que era vêr!

Assim como hoje não se podem fazer gréves sem o patrão saber, tambem então não se poderiam fazer revoluções, sem participar á monarchia: Estava a republica gorada!

VIU-SE GREGO.

Uma commissão de salchicheiros foi pedir ao ministro das finanças que não publique o decreto sobre o imposto de consumo sem que elles sejam ouvidos.

Querem ver que vamos ter *revolução nas tripas?!*...

Granadas... a granel

III

Até que emfim!

Depois de muitos annos de pagode
Deixou de ser ministro o Zé Bacôco!
Todos dizem que é velho, está por pouco
Por isso não ha nada que o engode!

Soffreu muitas offensas, mais não pode,
Se ficasse mais tempo dava em louco,
Qualquer typo p'ra ahi tinha o descôco,
De chamar-lhe Perninhas, burro e bode!

Manda tudo p'ra casa do diabo,
Do chapeo e da farda matisada
Em breve, por desgosto, dará cabo!

Nunca mais em S. Bento dirá nada
Vae viver transformado n'um nababo
A gosar os carinhos da creada!!!

XAVIER DE MAGALHÃES.

La Camerana

Dos nossos amigos Eusebio Marin & C.ª, proprietarios da importante fabrica *La Camerana*, recebemos o seu ultimo producto a que deram o nome de *Chocolate Liberdade*, em homenagem á data gloriosa de 5 de outubro.

A nova marca podemos garantir por experiencia propria, que é da *gente beber e chorar por mais.*

Aos nossos amigos agradecemos a sua deliciosa offerta e fazemos votos para que tão bello producto obtenha no mercado o acolhimento a que tem jus.

Aos nossos leitores diremos ainda que o tal chocolate é d'aqui da «pontinha da orelha».

Quando em casa dos tios Serodios, se soube que chegava no comboio da noite o primo Francisquinho, que ha tantos annos andava pelo norte, aquillo foi uma alegria doida!

As duas primas, as filhas dos tios Serodios, a Judit e a Michaela, não descançaram emquanto não convenceram os paes a irem esperar o primo á estação. E foram, levando consigo a filha do ourives que morava no quarto andar.

Vestidas e preparadas, as raparigas, arrastando os velhos Serodios, largaram a nove pelo Chiado abaixo, com grande escandalo das *travadinhas.* O velho Serodio, cheio de espirito critico e de rheumatismo, era o mais renitente á pressa das pequenas.

Queria parar a vêr tudo.

— Esperem — berrava elle — deixem-me analysar aquelle espantalho d'aquella mulher...

— Venha, deixe lá a mulher...

— Tu não vês o estafermo do chapeu?! E logo aquelle diabo foi especar defronte do cartaz do **Repulica,** lobrigando-se difficilmente que a peça que vae é *O Encontro*, traducção de Mello Barreto...

— Pois sim, mas venha andando.

— Lá vou, lá vou... Mas olha, tu vês aquelle peralta alli parado?

— O' papá não diga nada que é o Guerreiro, o caricaturista!...

— Eu quero lá saber quem elle seja! O que elle queria era aquellas abas do côco cortadas até ás orelhas! Irra, que se elle fosse meu conhecido, não sei o que lhe faria!...

— Mas é meu, papá, é meu.

— Teu quê?

— Meu conhecido. E' um bello rapaz e de muita habilidade. Muito delicado e socegadinho... Olhe como elle está a ler um cartaz; é o *Amôr de Perdição*, a linda peça de D. João da Camara, que vae...

— No **Nacional,** bem sei, emquanto não sobe a *Pena Ultima*...

— Então venha depressa, a Michaela já lá vae a baixo.

E a loura Judith, dando o braço ao papá, arrastou-o o mais depressa possivel, virando que nem um foguete, para a rua do Carmo.

Mas nesta rua é que foram ellas! O velho plantou-se defronte dos cartazes afixados, e segurando as lunetas no nariz, poz-se a lêr por cima d'ellas, resmungando como um padre que mastiga latim:

— **Trindade** — *Amor de Principes*, deliciosa opereta com adoravel musica.

Gymnasio — O *rato azul*... Ah já vi, isto é muito bom!...

Avenida — *O conde de Luxemburgo.*

No **Apollo** vae o *Fado*, e está em ensaios a opereta burlesca *El-rei Baniboia 35*, de Baptista Diniz. Deve ser d'aqui...

Mas não poude continuar. As lunetas cahiram-lhe do nariz, partindo-se na calçada.

Uma especie de inglez, que descia a rua do Carmo a passo de camelo, pregara-lhe um formidavel encontrão.

— O' seu burro, ó seu besta — resmungou o velho colerico.

— Cale-se, papásinho — interveiu a menina — cale-se, não diga nada, porque é o Jorge, do «International Foot-Ball Grup Canellas».

— Que vá para o raio que o parta. As canellas me ia elle partindo! Grandissimo burro, que nem sequer me deixou lêr o cartaz da **Rua dos Condes,** onde se está ensaiando a patriotica peça *5 de Outubro*, do Dr. Mario Monteiro. Ora o *estupor* do pernas de aranha, hein! Não me pode esquecer!... Afinal fiquei sem saber onde hei-de ir á noite; se ao **Colyseu dos Recreios,** onde o *Summo*...

— Da uva?...

— Não, rapariga, o dos luctadores... Ou por outra o Summo da Lucta. Olha, que falando com franqueza não sei bem se é, o Sumo da Lucta, se o Sumo dos Luctadores! Mas seja o que fôr, o que te sei dizer é que aquilo tem que vêr... Demais com a Companhia de Variedades...

— Deve ser bom, deve; mas venha andando, papá.

— Lá vae, lá vae... Nós temos ainda o **Theatro Phantastico,** o **Alegria,** o **Colyseu de Lisboa** com a sua bella companhia; temos além disso, o **Rocio Palace,** o **Salão Foz,** o **Chiado Terresse,** o **Salão Trindade,** etc.

Afinal demoraram-se e o primo veio apanhal-os ao caminho. Que fartura de abraços, de apertos de mão, de beijinhos em pleno Rocio!

— Bem, vamos andando disse a Judith, dando o braço ao primo e indo-o levando para diante, emquanto o resto da familia atraz, vinham discutindo ainda onde deviam ir n'aquella noite.

— O' Judith — gritou a mãe — espera, não vás tão depressa; dá-nos cá a tua opinião sobre o theatro desta noite.

— Deixem, não se incomodem com isso — respendeu ella, voltando-se — que eu cá mais o primo vamos combinando onde devemos ir esta noite.

JOÃO D'ALEM.

PHANTASIAS

Uma por semana

Realisou-se no domingo passado, o casamento, na administração do 2.º bairro, segundo as regras da moda, da amada Democracia Portugueza, com o Sr. Anno de 1911. A mãe da joven, a Sr.ª Machada dos Santos não pôde assistir ao consorcio por se achar incommodada e não ter transigido aos rogos dos noivos. Foram padrinhos por parte d'ella, o Sr. Theophilo Braga que trajava sobrecasaca e chapéo... de chuva, e a Sr.ª D. Affonsa Augusta da Costa, causando interesse o estado interessante d'esta senhora, por se achar de esperanças; naturalmente mais alguma loura «lei» que virá confirmar a boça d'aquella senhora para a maternidade.

A instancias da Tia Bernardina, que offereceu duas latas de manteiga da sua de Paredes de Coura, a mãe da joven, consentiu em ir ao copo d'agua... pé para observar o governo que o genro ia dar a sua filha.

No *boudoir* da noiva, viam-se immensos brindes de valor, entre os quaes destacamos:

O Decreto de regulamentação dos filhos, de sua madrinha Affonsa.

Um projecto azul e branco, de seu avô Junqueiro.

Um *water-closet* ou seja um palacio de *neccessidades*, do ex-Manuel.

Uma caixa de ameixas e umas castanhas piladas, do antigo guarda 621.

«Uma sóda, de teu marido.»

«Um projecto do alargamento da rua que lhe passa pela fronteira da casa», de uns parentes na camara.

«Uma caixa de graxa de côr», do teu velho Alpoim.

Um frasco de colla-tudo com o rotulo: «Para os noivos adherirem que eu já estou», do nosso padre Mattos.

Um sabre, com estes dizeres: «Deponho a vossos pés o meu chanfalho para o que lhes for util,» do guarda 4472 da G. R.

Idem, um de borracha, do civico 748.

Um carneiro com batatas e umas eleições com batotas, d'um antigo cacique.

Ao copo d'agua recebeu-se um telegramma do Sr. Alfredo de Magalhães nestes termos. «Felicito noivos. Parto breve, quem mandou foi o Theofilo.»

Todos por equivoco, felicitaram o Mestre e foram arranjar parteira, não se lembrando que era impossivel ser breve a partida para cá do Sr. Magalhães, tendo elle entre mãos um parto tão laborioso, como é o de fazer ser aceados os homens da Madeira.

EU PROPRIO.

. D. Sebastião, D. Miguel e D. Manuel, resolveram procurar o *perdido*... reino.